



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

JARDIM ITATINGA COMO ESPAÇO DE EMBATES E (RE)SIGNIFICAÇÕES

Mirielly Ferraça¹

Resumo: O bairro Jardim Itatinga, localizado na cidade de Campinas-SP, constitui-se historicamente como um lugar destinado a prostituição. Com base no aporte teórico da Análise do Discurso de orientação francesa, esta pesquisa pretende analisar como o Jardim Itatinga significa para e por sujeitos, visto que o espaço pertence ao domínio da significação e que o sujeito se significa na e pela cidade. Para a análise, consideram-se as designações *casa*, *dona de casa* e *residência familiar*.

Palavras-chave: Cidade; prostituição; discurso.

Abstract: The neighborhood Jardim Itatinga, located in the city of Campinas-SP, was historically constituted as a place intended for prostitution. Based on the theoretical contributions of the French Discourse Analysis, this research aims to analyze how the Jardim Itatinga neighborhood signifies to and by the subjects, once the space belongs to the domain of signification, and the subject signify itself in and through the city. As for this analysis, it's considered the designations *house*, *housekeeper*, and *family residence*.

Keywords: City; prostitution; discourse

“Não existe cidade mais disposta a aproveitar a vida e a evitar aflições do que Eusápia. E, a fim de que o salto da vida para a morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade. Os cadáveres, dessecados de modo que os esqueletos restem revestidos de pele amarela, são levados para baixo e continuam a cumprir antigas atividades. [...]. A incumbência de acompanhar os mortos para baixo e instalá-los no lugar desejado é conferida a uma confraria de encapuzados. *Dizem* que cada vez que descem encontram alguma mudança na Eusápia de baixo; os mortos apresentam inovações em sua cidade [...]. De um ano para o outro, *dizem*, não se reconhece a Eusápia dos mortos. E os vivos, para não ficarem para trás, querem fazer tudo o que os encapuzados *contam* a respeito das novidades dos mortos. Assim, a Eusápia dos vivos começou a copiar a sua cópia subterrânea [...].”

As cidades invisíveis – Ítalos Calvino.

¹ Doutoranda em Linguística (UNICAMP), bolsista CAPES.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Em *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, o imperador Kublai Khan, impedido de ver o território dominado, conhece as cidades de seu reino por meio de relatos feitos pelos viajantes. É Marco Polo, mercador veneziano, quem edifica com palavras todo o império. São cidades invisíveis porque sua existência está atrelada à linguagem. É a palavra que materializa o império de Kublai: “Não sei quando você encontrou tempo de visitar todos os países que me descreve. A minha impressão é que você nunca saiu deste jardim”. Eusápia, cidade que abre este trabalho, se constitui pelas palavras de Marco Polo, pela descrição que a confraria de encapuzados fazem de sua cópia subterrânea, pelo que *dizem* sobre ela. Linguagem e cidade se imbricam, se modificam, constituindo espaço, sujeito e sentidos. É o ouvir dizer, o dizer(-se) que modifica e movimenta a Eusápia dos vivos e dos mortos, no próprio jogo movente entre paráfrase e polissemia que sustenta a linguagem.

Cidade e discurso se enlaçam. A cidade enquanto materialidade significativa, significa e é significada por e para sujeitos, é lugar da inscrição dos sentidos. Considero, pois, para pensar nos efeitos de sentidos que (se) materializam (n)o urbano, o bairro *Jardim Itatinga*, localizado em Campinas-SP.

Às margens da cidade, longe do centro comercial e dos bairros habitados por moradores de alto poder aquisitivo, o bairro Jardim Itatinga se configura como um lugar destinado à prostituição, construído na década de 60 pelo poder público, fruto de um projeto de *limpeza* do centro de Campinas e dos bairros considerados nobres. Segundo dados divulgados pelo Centro de Saúde, estima-se que no local cerca de duas mil mulheres se prostituem pelas ruas, casas de prostituição de pequeno, médio e grande porte, ou ainda em suas próprias residências. O bairro é considerado uma das maiores zonas de prostituição a céu aberto da América Latina (TAVARES, 2014), constituído por dezenas de boates, casas de show, pequenos motéis, bares, prostíbulos, e, como parte *integrante*² de um centro urbano, possui lojas de roupas, de *lingeries*, de acessórios eróticos, restaurantes, padarias, escolas, igrejas e outros empreendimentos.

² Destaco a palavra *integrante* para marcar a opacidade dessa relação entre cidade e bairro. O Jardim Itatinga é um espaço que se constitui ao mesmo tempo como parte territorial da cidade de Campinas, sendo um de seus bairros, mas também como um lugar deslocado, retirado, excluído e marginalizado desde a sua construção em 1967.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Para pensar nessa relação existente no Jardim Itatinga entre zona de prostituição e cidade, recorro como flagrantemente da *narratividade urbana* (Orlandi, 2001) três designações: *casa*, *donas de casa* e *residência familiar*³. No Jardim Itatinga, a designação *casa*, sem complemento, se refere às casas *de prostituição* e quem as administra são nomeadas *dona de casa*. Já os moradores do bairro que não se relacionam com a venda de sexo escrevem nas faixadas de suas residências a expressão *residência familiar*. Interessa, portanto, compreender como essas designações se constituem, se formulam, circulam e significam (n)o Jardim Itatinga, relacionando-as aos espaços da casa e da rua.

Geografia do prazer

Destaco que a geografia do Jardim Itatinga é determinante tanto para a constituição do bairro enquanto *zona* como para a circulação de determinados sentidos, no movimento produzido no urbano pela linguagem. Considera-se, pois, como destaca Orlandi (2012, p. 199), que “o modo como se dispõe o espaço é uma maneira de configurar sujeitos em suas relações, em suma, de significá-los”. A forma cidade e a forma sujeito estão ligadas (ORLANDI, 2012).

O Jardim Itatinga foi criado pelo poder público para ordenar a localização das garotas de programa no espaço urbano. Fruto de uma política de higienização, o bairro foi estrategicamente construído distante do centro, na região Sudoeste de Campinas, às margens das rodovias Santos Dumont (SP-075) e Bandeirantes (SP-348), no extremo das delimitações territoriais da cidade. Tal configuração geográfica cria uma espécie de ilha, mantendo afastadas as mulheres que não cabiam nas ruas e avenidas centrais.

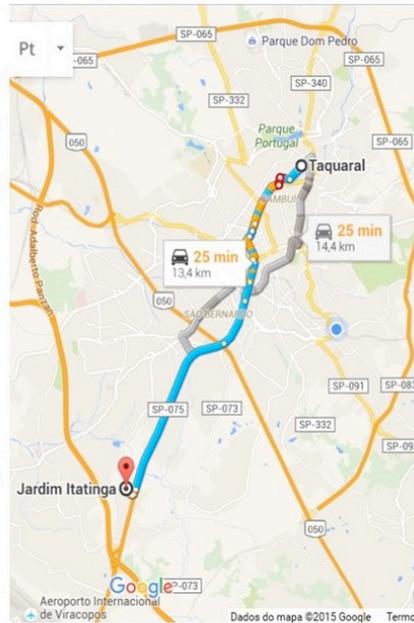
³ Tais designações compareceram em conversas informais realizadas com moradoras e trabalhadoras do bairro. A visita ao Jardim Itatinga ocorreu no dia 02 de junho, de 2016, na comemoração do Dia Internacional da Prostituta, PutaDei, organizado pela Associação Mulheres Guerreiras, de Campinas. A fotografia que compõe o recorte analisado também foi capturada nessa mesma data. Ainda, essas nomeações também comparecem no trabalho de Helene (2015, p. 33) “Não se utiliza a palavra ‘bordel’, ‘prostíbulo’ ou ‘casa de tolerância’, nem mesmo ‘casa de prostituição’. Simplesmente ‘casa’. Em conjunto a essa categoria pode seguir o nome da ‘dona-de-casa’ correspondente, compondo a designação do seguinte modo ‘casa da Paraguaya’ ou ‘casa da Lourdes’. Em geral esse tipo de local de prostituição é encontrado no Jardim Itatinga, e não no Centro”.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016



Mapa 1 – Localização Jardim Itatinga



Mapa 2 – Do Taquaral ao Jardim Itatinga

Na década de 60, Campinas era constituída pela área central e apenas alguns bairros, como Cambuí, Ponte Preta, Taquaral e Guanabara (HELENE, 2012). As garotas de programa ofereciam sexo nas ruas ou trabalhavam em casas de prostituição espalhadas pela cidade. Nessa época, em decorrência das ações que buscavam impor a ordem e (re)estabelecer a *moral*⁴, um projeto de higienização entra em vigor, transferindo as prostitutas para a periferia, medida que impossibilitava o esbarrar das *famílias de respeito* com as *garotas de vida fácil*, mas que possibilitava, às escondidas, sexo pago aos homens. Essa delimitação dos espaços determina tanto o comportamento sexual de homens e mulheres, com quem, onde e o que se pode fazer, como também a relação do sexo na organização urbana.

Assim, o confinamento da prostituição, além de representar uma forma de isolar e controlar o meretrício, também **delimita os contornos da cidade legal (identificada como espaço da “família” e da “ordem”)** e **determina**, entre outras coisas, tipos de **comportamentos sexuais femininos aceitos nessa parcela da cidade**. Se, por um lado, há uma reificação de valores conservadores sobre o corpo e o comportamento feminino na cidade oficialmente aceita, em outra, na área confinada, há um laboratório de novas práticas e corporalidades ligadas ao corpo feminino na prostituição, que vão preenchendo de significados os contornos da zona (TAVARES, 2014, p. 21 – grifos meus).

⁴ A moralidade era o discurso que apoiava o Projeto de Limpeza conduzido pela prefeitura de Campinas e pela força policial, alinhados com a opinião pública (justamente aqueles que queriam a prostituição longe da porta de suas residências).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A moralidade exigia mais espaço e a ordem pública contornos mais definidos. Margareth Rago (2008), na obra *Os prazeres da noite*, recupera, por meio de jornais, documentos, fotografias e pela literatura, como funcionava a prostituição na cidade de São Paulo, de 1890 a 1930. Não havia, antes da virada do século, “uma rígida separação geográfica entre o universo da prostituição e o mundo da respeitabilidade burguesa (RAGO, 2008, p. 96-97), entretanto destaca que muitos moradores pediam a “transferência das ‘pensões alegres’ para bairros mais distantes”. Além disso, a reforma urbana de São Paulo de 1911, principalmente o alargamento da Praça da Sé, significou uma mudança radical na *geografia do prazer*: “as meretrizes foram empurradas pelas ‘picaretas do progresso’ e obrigadas pela polícia de costumes a procurar refúgio em partes mais distantes da cidade” (RAGO, 2008, p. 100), “os amores extraconjugais foram confinados ao bairro do Bom Retiro, próximo às estações ferroviárias da Sorocabana e da Santos-Jundiaí” (RAGO, 2008, p. 101). Em meio ao jogo de forças, sobredeterminavam discursos que valorizavam a moralidade burguesa, associada a valorização econômica-capitalista dos espaços, o que conduziu a contornos mais definidos do que seria a *cidade legal* (TAVARES, 2014) e o que, pela expulsão, se configuraria a *geografia do prazer*⁵ (RAGO, 2008). Logo, espaço permissivo passou a ter nome e lugar.

Com a relativa emancipação feminina, sua participação no mercado de trabalho e sua circulação no espaço público, uma diferenciação moral e sexual passou a se intensificar. Definia-se a mulher a partir de uma dualidade antagônica, marcada pelos significantes *boa* e *má*: a “prostituta passou, então, a simbolizar a alteridade, a mais radical e perigosa” (RAGO, 2008, p. 29). Há uma memória (discursiva) sobre a mulher que se impõe e se repete: de um lado a *boa*, aquela destinada ao casamento, ao cuidado do lar, idealizada perante os ditames sociais, e a *má*, destinada ao sexo e ao prazer, associada à liberdade sexual. Por consequência dessa delimitação da esposa e da puta, o espaço de circulação e permanência desses dois

⁵ É importante ressaltar que a perseguição à prostituição não se dava de modo homogêneo. Prostitutas de luxo não figuravam entre aquelas que eram empurradas do centro citadino. De fato, uma questão de (luta de) classes.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

lugares é fortemente definido, tanto que a criação do Jardim Itatinga se relaciona também⁶ aos sentidos dessa delimitação moral. Se a intenção é separar uma e outra, discute-se na sequência justamente a porosidade que circunscreve esses lugares, a *boa* e a *má*, pois na configuração da dinâmica de funcionamento do Jardim Itatinga os sentidos atribuídos a esses lugares discursivos encontram-se numa relação de embates e de sobreposição.

Vale dizer, como descreve Bahia (2003), que o interesse da classe política dominante era valorizar o bairro Taquaral (um dos mais nobres da cidade) e a região central, por isso a *Operação Limpeza* fechou cortiços, bares e prostíbulo, levando para longe tudo o que pudesse desvalorizar essas regiões. No mapa 2 é possível observar a distância entre o Taquaral, que abrigava maior número de prostitutas e cortiços, e o Jardim Itatinga. São quase 15 quilômetros separando um e outro; as garotas de programa foram colocadas, de fato, para fora. Elas estão fora ao mesmo tempo em que estão dentro da cidade, na equivocidade de pertencer e não pertencer, na contradição da expulsão e da incorporação.

O projeto de limpeza materializa o poder do Estado de regular os processos de segregação, o poder de significar o espaço urbano e os sujeitos. Na *distância politicamente imposta* (LAGAZZI, BRITO, 2001), a preocupação era retirar aquilo que impossibilita o desenvolvimento e o crescimento citadino sob a moral vigente; mantinha-se afastado ao mesmo tempo em que se queria por perto. A venda de sexo não era proibida, desde que acontecesse em um espaço permitido. Helene (2015) destaca que sempre existiu, e ainda existe, um embate entre o poder público e as mulheres que se prostituem no centro de Campinas. A força policial pautada na força da lei impõe-se na tentativa de levá-las ao seu devido lugar: o Jardim Itatinga.

Enquanto bairro, lugar inscrito na e constituinte da cidade, no Jardim Itatinga há tanto estabelecimentos comerciais que se relacionam com a prostituição como outros que não possuem relação direta com a prática. Assim, além das casas de prostituição, há mercearias, padarias, escolas, igrejas e uma grande quantidade de bares, salões de beleza, lojas de roupas, de *lingeries*. Tais lugares funcionam em conjunto com a venda de sexo, e a partir da prostituição se (re)significam.

⁶ A política de higienização relaciona-se fortemente com a moral imposta, mas (talvez principalmente) também com o jogo político e econômico, visto que a valorização financeira dos espaços passa necessariamente por uma ordem moral.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A *zona* deixa de ser o local exclusivo e destinado a comercialização de sexo e passa a ser local de sociabilidade, de trabalho, de moradia e de constituição familiar. Pertencente ao meio urbano, há no Jardim Itatinga regularidades na sua organização, isto é, assim como em outros bairros, no local há casas, empreendimentos, circulação e interação entre moradores e visitantes. Enquanto lugar em que irrompem as contradições, casas, empreendimentos, circulação e interação entre moradores e visitantes significam(-se) a partir da venda de sexo. A questão é que o concebido como regular para um espaço urbano se reafirma ao mesmo tempo em que se esburaca no Jardim Itatinga, isso porque qualquer atividade diária, comumente realizada em outros lugares, como levar os filhos à escola, ir à padaria ou ao salão de beleza, são praticadas ao lado da e com a prostituição.

Depois de dois meses, Carla alugou uma sala onde montou um salão de beleza. Essa sala possuía na frente um espaço onde prestaria serviços de cabeleireira e, no fundo, uma suíte onde continuaria a prestar serviços sexuais. Fazia ponto na porta com uma placa atrás anunciando os serviços de cabeleireira. Assim, se alguém se interessasse pelo programa, ela a levava ao quarto do fundo, se alguém quisesse cortar ou pintar o cabelo, o levava para a sala da frente (TAVARES, 2014, p. 75).

Prostituição e cidade amarram-se. A nudez faz parte da composição no bairro, as prostitutas seminuas se posicionam em frente às casas de prostituição convidando quem passa a entrar. Deixar o corpo à mostra pode não ser diferente em outras zonas de meretrício, mas o que se torna significativo para a constituição dos sentidos do Jardim Itatinga é o espaço público estar diretamente relacionado à nudez e, ainda, a nudez ser uma composição que impera no dia a dia do bairro, visto que se pode entrar na padaria, frequentar bares e lanchonetes usando somente uma calcinha fio dental, por exemplo.

Vestidas assim, elas não apenas abordam os clientes, mas também transitam em lugares diversos do bairro: vão ao salão, à padaria, ao posto de saúde, ao restaurante e fazem visitas a colegas de outros pontos. A utilização e a exibição do corpo no trabalho sexual são defendidas como direitos concedidos pela Zona, e também são percebidas como demonstração de poder e apropriação daquele espaço (TAVARES, 2014, p. 23).

O corpo da garota de programa significa no (e para a constituição simbólica do) Jardim Itatinga. Além da vestimenta, a apropriação do espaço da rua, gestualidade e expressão corporal relacionada tanto à exposição quanto à negociação do programa com os clientes, e,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ainda, a movimentação pelos espaços de sociabilidade cidadina demarcam as regras do espaço, significando sujeito e bairro. É o corpo nu no espaço público que define o Jardim Itatinga⁷.

Destaco que a rua no bairro é um espaço fundamental para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. Além de ser um espaço de sociabilidade, de conversas e de encontros permeados por relações familiares e de amizade, é também lugar do encontro entre comércio e trabalho. Por causa da distância geográfica que separa o centro comercial campineiro e o bairro, muitos ambulantes circulam pelo Jardim Itatinga e comercializam produtos, como peças de roupas e cosméticos. Ainda, é na rua que as garotas de programa abordam os clientes, convidando-os a entrarem nas *casas*.

São nessas condições de produção que os espaços da casa e da rua se entrelaçam, que o público e o privado se mesclam, significando cidade e sujeito. Considerando o espaço urbano numa perspectiva discursiva, em que a história, a língua e o político intervêm produzindo sentidos, busco compreender como as designações *casa*, *dona de casa* e *residência familiar* funcionam na imbricação entre cidade e sujeitos.

Designações que significam (n) o urbano

No batimento entre descrição e interpretação, parte-se da *organização* da discursividade urbana para buscar a compreensão da *ordem* desse discurso, questionando como o simbólico no conflito com o político constituem sentidos para a (na) cidade. Considero a distinção estabelecida por Orlandi (2001, 2012) entre *ordem* e *organização*. Para a autora, *ordem* se refere ao “domínio do simbólico na relação com o real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco), articulação necessária e contraditória entre estrutura e acontecimento” (2001, p. 13) enquanto *organização* “está ligada ao imaginário projetado sobre a cidade, tanto por seus habitantes, como pelos especialistas do espaço” que planejam a configuração urbana esquecendo-se, “silenciando as reais necessidades histórico-materiais do espaço” (2012, p. 199). Pretende-se compreender, portanto, o real da cidade, sua forma política e histórica.

⁷ Em minha primeira visita ao bairro, pedimos informação a algumas pessoas, perguntando onde era o Jardim Itatinga. Uma das respostas, de um menino que jogava futebol num terreno vazio, foi: “É logo ali, onde começa o asfalto”. Avançamos na direção indicada, mas o que DISSE que se tratava do bairro não era o início de uma rua asfaltada (em contraponto com a estrada de chão em que estávamos), mas a nudez feminina em toda a extensão da rua indicada.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O par casa e rua, associados à dicotomização privado e público, são considerados elementos essenciais que organizam o espaço urbano e as relações sociais (ORLANDI, 2012). Inscrita na história, a divisão casa e rua significa na evidência da delimitação dos espaços e na evidência dos sentidos que podem e devem circular em cada um desses lugares. Separação e delimitação equívoca. Se a cidade se constitui e é atravessada pelo discurso, há opacidade no espaço, na sua organização, no modo como significa. Assim, a delimitação entre os espaços da casa e da rua não se dá de modo transparente, óbvio, fechado (apesar de se apresentar assim ao sujeito do discurso ao constituir-se dicotomicamente). Considerando como condições de produção a *organização* do Jardim Itatinga, percebe-se que há uma porosidade que circunscreve os limites e a própria definição do que é a casa e a rua no funcionamento do bairro. Ao mesmo tempo que mescla, invade, sobredetermina os limites de um e outro, essa tensão constitui sentidos, sujeitos e espaço urbano.

A partir das designações⁸ *casa*, *donas de casa* e *residência familiar* busco compreender como essas expressões, postas em movimento na relação com o espaço urbano, significam (n)o Jardim Itatinga. Questiono, dessa forma: quais derivas de sentido cada uma dessas nomeações abriga? Qual o pré-construído que sustenta essas designações?

As casas de prostituição são designadas no cotidiano do bairro apenas como *casa*. Já as proprietárias são nomeadas *donas de casa*, ou seja, donas de casas de prostituição. Essas duas designações funcionam tanto por materializarem uma memória que se significa no contraponto entre casa e rua, como também na atualização intradiscursiva de outros sentidos que irrompem e significam no funcionamento das condições de produção desse enunciado. Se *casa* (de família) e *dona de casa* eram as expressões que não combinavam com a prostituição em outras áreas da cidade, no Jardim Itatinga elas estão presentes e significam nas condições discursivas próprias do espaço em questão, a deriva de significado e de significante (de uma formação discursiva a outra) só se dá porque a língua está na história, porque há movimento dos sentidos e porque o sujeito é determinado por essa relação espaço-social simbólica. Assim, considera-se que

⁸ Parto do conceito de designação assim como concebe Guimarães (2010, p. 74-75): a designação é uma “relação instável entre a linguagem e o objeto, [...] exposta à diferença” e, ao nomear, “instala como lugar de estabilidade referencial um sentido pelo apagamento de outros”. É a partir da posição sujeito que um sentido se inscreve, em meio a instabilidade semântica, e significa em condições de produção específicas, apagando outros possíveis.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014, p. 146 – grifo do autor).

A falta de um complemento que especifique de que casa estão falando conduz a própria evidência de que casa significa transparentemente nas condições de produção na qual a designação se encontra. Inscrita no interdiscurso, a designação casa, que não significa só o espaço físico no qual pessoas habitam, poderia estar em relação com a palavra *lar* ou ainda tratar-se de uma *habitação familiar* (funcionando com o complemento casa *de família*, expressão dita e repetida comumente); e numa relação de contraste teríamos *apartamento* ou, numa relação opositiva, levando ao extremo, a *rua*. No entanto, dada as condições de produção dessa designação e a inscrição do sujeito em uma formação discursiva diferente dessa, e considerando que “a união entre significado e significante se faz no funcionamento da linguagem” (LAGAZZI, 2010, p. 87), *casa* passa a significar boate, prostíbulo, bordel. *Casa*, no funcionamento do Jardim Itatinga, abriga além do privado o público.

No exercício parafrástico, dada a posição sujeito que enuncia inscrito nessa formação discursiva, *casa* poderia deslizar para *casa de prostituição*, *boate*, *borde*, *prostíbulo*, mas não teria o mesmo funcionamento se o deslize fosse para os significantes *residência* ou *lar*. É esse o limite que permite dizer que *casa* está em relação com algumas designações e não com outras. Para *residência* e *lar*, há uma outra posição sujeito que se inscreve numa outra formação discursiva, como é o caso da posição sujeito que escreve *residência familiar* na faixa de sua propriedade.

Mais uma vez trago as palavras de Lagazzi (2010, p. 86) para dizer que “a relação entre significado e significante é uma relação sempre em reconfiguração, uma relação que desliza”. *Dona de casa* desliza do significado “mulher sem profissão remunerada que trata da administração, manutenção e arranjo da sua casa”⁹ para mulher remunerada que gerencia uma *casa de prostituição*. Mais do que se constituírem na diferença entre a ocupação de espaços opostos e da relação econômica na qual esses lugares estão atrelados, *dona de casa* deixa de

⁹ Entrada: "**dona de casa**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/dona%20de%20casa> [consultado em 25-08-2016].



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

significar a mulher *boa*, imagem burguesa associada ao matrimônio e a reclusão do lar, e passa a significar (também, ao lado de, em conjunto a) a *má*, relacionada a liberdade sexual e desprendimento moral.

É válido considerar também que em *dona de casa* parece haver o encontro de duas formações discursivas sobrepostas. A palavra abriga sua ressignificação no deslize do significante para significar proprietária de casa de prostituição, ao mesmo tempo que reafirma o que é uma *dona de casa*, aquela que *cuida* do lar, isso porque além de gerenciarem a *casa* de prostituição, o local é, muitas vezes, sua própria morada, motivo que faz a designação *dona de casa* funcionar também como “mulher [~~sem profissão remunerada~~] que trata da administração, manutenção e arranjo da sua casa”. Trata-se do encontro da *boa* e da *má*, do corpo que se expõe na rua e do corpo que resta em casa. Assim, apesar de o significante *dona de casa* se inscrever em, pelo menos, duas formações discursivas distintas, no Jardim Itatinga a designação significa no encontro equívoco desses dois sentidos e desses dois lugares e, com isso, os espaços que a palavra convoca também se encontram, se diluem e se sobredeterminam na tensão constitutiva da linguagem. *Casa e dona de casa* são designações que (re)significam os espaços casa e rua ao mesmo tempo em que são (re)significados pelo espaço.

A disputa de sentidos se dá na relação que a designação *casa* estabelece com *residência familiar*. No jogo de forças e na busca pela distinção de espaços, sentidos e sujeitos, as casas que não se relacionam com a prostituição são marcadas com a placa: *residência familiar*.



Jardim Itatinga, 02 de junho de 2016



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A prostituição e a família, como já assinalado, parecem se constituir numa relação antagônica, visto ser a família significada historicamente como representante da ordem moral e a garota de programa colada ao lado da imoralidade. A placa é colocada para que os clientes não confundam a residência com uma casa de prostituição. O gesto acaba perpetuando a distinção entre família e garota de programa, reafirmando que a prostituta não pode pertencer à Família. Por isso, questiona-se: que família é essa? Que evidência é essa que não faz com que aqueles que circulam pelo bairro não se questionem qual família se refere a placa e, por consequência, saiba que não há prostitutas ali?

É o espaço de determinação histórica e ideológica que produz como evidência o que é uma residência familiar. Esse efeito se dá pela própria inscrição do sujeito em uma dada formação discursiva, que dissimula, na transparência da língua, “a objetividade material contraditória do interdiscurso que a determina” (ORLANDI, 2010, p. 18). A transparência da linguagem corresponde, portanto, ao efeito da interpelação do sujeito discursivo. É pela relação que a placa estabelece com a designação *casa* que circula pelo bairro, que é possível situar a posição sujeito que formula e põe para circular na placa *residência familiar* numa valorização da família burguesa e, por conseguinte, na depreciação da prostituta.

Ainda, a palavra *residência*, sem especificação, abriga os sentidos de *casa de família*, *residência familiar*, *residência de família*. A palavra funciona no discurso urbano enquanto local de morada, domicílio, casa; mas atrelada à família. Tanto que na placa somente a designação *residência* seria o suficiente para impedir que o local fosse interpretado como prostíbulo, boate, bordel. Em *residência familiar* há uma dupla reiteração moral: a prostituta (realmente) não cabe na *família*.

Na delimitação que a placa instaura, ressoam sentidos naturalizados sobre o próprio comportamento sexual feminino e, logo, sentidos sobre o que é ser mulher. Por deslize discursivo, poderia ser parafraseado de *casa de família* para *moça de família*, *mãe de família*, *pai de família*; expressões cristalizadas no senso comum e que aqui parecem, então, definir a família posta em destaque e em movimento na placa. O efeito sustenta aquilo que se espera



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

moralmente dos membros familiares: a *moça de família* como mulher de respeito, *recatada*¹⁰, associada a possibilidade de casamento; a *mãe de família* como a idealização da mulher, dona de casa e *do lar*, naturalizando também os deveres com relação à maternidade e *homem de família*, expressão associada à imagem do provedor, trabalhador e respeitável. Essa rede parafrástica se inscreve na perpetuação da memória que se tem desses lugares:

Na cidade moderna, o marido, quando muito, procura divertir-se e manter um relacionamento extraconjugal numa ‘pensão de artistas’, ou em algum hotel reservado e elegante, à revelia da família. **Em casa, no aconchego do lar-santuário**, garante a **imagem do senhor austero, que se preocupa com a educação dos filhos e é vigilante com a moralidade das filhas**. Sua função é basicamente produtiva, enquanto **à mulher cabe a administração interna do lar**. Nesse contexto, a mulher foi elevada à condição de ‘**rainha do lar**’, destituída, portanto de uma função produtiva de relevo. **O espaço doméstico foi diferenciado da esfera pública do trabalho e santificado como ‘oásis’, lugar de calor e da intimidade**, da confraternização de seus membros, de uma solidariedade representada como orgânica e natural. **A família tornou-se a célula básica da sociedade** (RAGO, 1998, p. 56 – grifos meus).

Assim, o imaginário desses lugares sociais se condensam na placa ao mesmo tempo em que perpetua a definição do que é uma família e como seus membros se comportam. Ainda, vale ressaltar que a construção de tais sentidos para as mulheres *de família* conduz também ao sentido que se dá ao sexo e o que se espera do comportamento sexual dessas mulheres (e na oposição seria também delineado a sexualidade daquela que não pertence à casa, que não se encaixa no comportamento ideal: a puta). Assim, sentidos que caracterizam os membros e o comportamento ideal para a composição familiar contrastam com os efeitos que se tem sobre a prostituição, colocando a garota de programa na contramão do que se esperaria de uma *moça de família*, por exemplo.

Na placa o sujeito escreve e inscreve-se. Se com as designações *casa* e *dona de casa* havia um jogo de diluição e sobredeterminação de sentidos, lugares discursivos e espaço, o portão onde escreve-se *residência familiar* funciona como limite, demarcando a passagem do público e do privado, fixando no espaço urbano a impossibilidade de circulação e reiteração da distinção entre os dois espaços: a casa e a rua, o público e o privado. A placa é a materialização de que a prostituição é colocada para fora do *lar*, fora da residência *de família*.

¹⁰ Imaginário que se perpetua com força: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, publicado por Veja, em 18 de abril de 2016. Acesso: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Assim, a *organização* do Jardim Itatinga significa enquanto local de liberdade sexual, desprendimento moral, mas em sua *ordem* discursiva a moralidade amarra-se no espaço, no sujeito, constituindo sentidos.

De *mulher da casa* tem-se a *mulher da rua*¹¹ com o seu contrário funcionando na placa. Ao mesmo tempo em que há a perpetuação de sentidos, há também movimentos na significação da constituição espacial-discursiva do bairro, visto que a relação garota de programa, mãe, dona de casa se cruzam e se sobrepõem, (re)significando quem é a prostituta nesse local, que posição ocupa e o que pode e deve dizer nesse espaço.

Considerações finais

Dogville, de 2003, dirigido por Lars Von Trier, gravado em um galpão, apresenta como divisão de cenários apenas marcações feitas com linhas no chão, traços que representam também arbustos e o cachorro Moisés. Não há paredes que separam residências da rua ou quartos de salas. Apesar de não materializadas, as divisões significam no vazio e na ausência, as relações sociais se constituem normalmente como se paredes concretas e opacas existissem. O fato é que não são as paredes que separam e delimitam espaços, mas o modo como sujeito, linguagem e história significam os sentidos nesses lugares. A dimensão física é a própria materialização da dimensão discursiva, onde intervém a história, o simbólico e o jogo político.

A rua, associada ao espaço público, e a casa, relacionada ao privado, amarram-se de modo a constituírem-se mutuamente, contraditoriamente. Localizados no funcionamento do Jardim Itatinga, público e privado se ressignificam na casa e na rua, visto que esses espaços se diluem e se sobredeterminam, em um constante jogo de forças: a placa *residência familiar* reclama separação, distinção; já as nomeações *casa e dona de casa* disputam a estabilização de outros sentidos, marcando diferentes modos de significar sentidos, sujeito e espaço.

O Jardim Itatinga (re)significa a ordem na desordem. Fronteiras diluídas, perpetuadas, (re)significadas. Não pleno, movente. O espaço urbano constitui-se na instabilidade, recoberto

¹¹ HELENE (2015) relata que as prostitutas do centro de Campinas nomeavam aquela que defendia seus direitos no centro de *mãe de rua*.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

por disjunções, conflitos, perpetuações, deslocamentos, lugar de desdobramentos, diria Pêcheux (1999), movimento que permite que o sujeito (se) signifique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, K.; LUIZARI, L. e FARIA, N. *Zona de Prazeres: O confinamento da prostituição no Jd. Itatinga* (livro-reportagem), 2003.

CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, Editora RG, 4ª edição, 2010.

HELENE, D. *A invenção do Jardim Itatinga: o zoneamento urbano da Prostituição*. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo – SP.

_____. *Preta, pobre e puta: a segregação urbana da prostituição em Campinas*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2015.

LAGAZZI, S. BRITO, P. S. As ocupações dos sem-teto na discursividade da cidade. *In: Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Organizadora Eni Pulcinelli Orlandi. Editora Pontes, 2001.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. *In: Discurso e textualidade*. Orgs. Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi. 2ª edição. Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, E. A casa e a rua: uma relação política e social. *In: Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2ª edição. Campinas-SP: Editora Pontes, 2012.

_____. *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Editora Pontes, 2001.

_____. Análise de Discurso. *In: Discurso e Textualidade*. Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs.) – Pontes Editores, 2010 – 2ª Edição: Campinas, SP.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In: ACHARD, Pierre (org.) Papel da Memória*. trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

TAVARES, A. *A organização da Zona: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas – SP, 2014*. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.